



RETRATO DE CRIANÇA

N.º 367 Lisboa, 8 de Janeiro de 1912

ASSINATURA PARA PORTUGAL, COLONIAS  
PORTUGUEZAS E ESPANHA:

Ano. 4800.—Semestre. 2400.—Trimestre. 1200

*Ilustração*  
PORTUGUEZA

Edição semanal do jornal O SÉCULO

Director: CARLOS MALHEIRO DIAS  
Propriedade de: J. J. DA SILVA GRAÇA  
Editor: JOSE JOUBERT CHAVES

Redação, Administração e Oficinas de Compo-  
sição e Impressão: RUA DO SÉCULO, 43



Comprimidos BAYER  
de **ASPIRINA**  
Remedio soberano contra  
Grippe, Influenza, Constipações, etc.



# O Dia do Presidente

O palacio onde Jeronimo Colação — o supremo elegante que inspirou a Eça de Queiroz o seu *Fradique* — residiu, é hoje a morada do chefe do Estado.

Recusado pelo Congresso um dos antigos palacios reaes para residencia do presidente da Republica, áque-

le palacete da rua da Horta Seca se acolheu o homem modesto que a Republica elegeu para a sua suprema magistratura.

A nota dominante d'aquella casa é a singeleza. Não ha ali o tumultuar da creadagem nem o luxo bizarro dos milionarios, não ha essa suntuosidade que enche os paços regios e serve para as pompas officias d'um culto politico. A antiga morada do grande elegante aparece hoje com alguma coisa de tão simples, de tão singelo nas suas decorações como de afabilidade e gentileza são as maneiras por que os seus habitantes nos recebem.

O sr. dr. Manuel d'Arriaga conserva dos seus tempos de trabalhador os habitos modestos; o antigo advogado, alçado á chefatura da nação, continúa, n'aquêle palacio, a sua vida calma e sem alardes de sempre.

O seu dia começa bem cedo; tambem bem cedo o presidente da Republica se recolhe; a sua existencia decorre entre os netos que ama e as flôres que aprecia. Quasi sempre estão alguns dos seus netinhos no palacete da rua da Horta Seca, pequenitos encantado-



- 1—O sr. Presidente da Republica no seu gabinete de trabalho
- 2—A escadaria do palacio presidencial
- 3—Uma das salas da residencia

res, todos de lindos olhos e carnes rosadas, brincando pela grande galeria onde os pombos melancolicos arrulham e as plantas de estufa reverdecem.

Quando são dez horas da noite o chefe do Estado vae para os seus aposentos e manhã muito cedo já anda tratando das suas plantas, cuidando-as, analisando as folhas, tratando com

esmero as avencas formosissimas que enchem a galeria onde Jeronimo Colaço narrava aos amigos, homens de letras e homens de prazer, as ultimas aventuras do principe de Gales, a mais recente *boutade* de Rochefort e as côres da moda para as gravatas decretadas solenemente no *boulevard*.

Onde perpassou o humor d'um supremo janota, passeia o chefe d'um paiz, meditando nas coisas do Estado, emquanto a sua vista tranquilamente desce para a verdura doce das plantas amadas. Ao fim da galeria fica o terraço, depois o jardim, outro grande encanto do presidente da Republica. O seu primeiro cuidado, mal viu a casa para onde tinha que ir viver, ante a sua nova posição, foi o de contratar um jardineiro.

O autor das *Harmonias Sociaes* sem esse encanto das flôres, sem esse amôr das creancinhas, os beijos dos netinhos e o culto da musica, não teria completa a sua existencia.

Assim, entre os cuidados do Estado, a sua imaginação repousa ao sentar nos joelhos os pequenitos, no meio da sua galeria cheia d'arbustos, flôres, plantas.

Só abre uma excção para as suas horas de deitar. E' quando vae a S. Carlos ou a outro qualquer teatro ouvir algum escolhido trecho de musica. Então fica até ao fim, deixa-se prender no encanto da partitura, esquece os seus habitos de ha muitos anos. Todavia, no dia seguinte, lá está de pé á mesma hora costumada para os seus trabalhos importantes e para os seus bem minguados prazeres. A's onze horas é o almoço e, findo ele, o chefe do

- 1—D. Lucrecia de Melo d'Arriaga, esposa do Presidente, e seu neto João Manuel  
2, 3, 4 e 5—Os filhos do presidente da Republica Portugueza  
D. Maria Adelaide d'Arriaga,  
D. Maria Maxima d'Arriaga Tavares,  
Manuel de Arriaga Brum da Silveira,  
Roque Manuel d'Arriaga,  
secretario particular do Presidente



O sr. dr. Manuel d'Arriaga, presidente da Republica Portugueza—(Cliché de Bobone)



Estado recebe os funcionarios da Republica ou as pessoas a quem foi concedida a audiencia solicitada.

Aos sabados é a sua recepção para a assinatura no palacio de Belem, para onde vae no automovel presidencial, levando geralmente ali das tres ás cinco horas da tarde nos deveres do seu cargo.

Quando anu-tecia mais tarde o Presidente da Republica dava sempre um passeio longo, com o automovel a pequena força para melhor poder apreciar a beleza da paisagem que percorria. A sua digressão era sempre a mesma.

Saía do palacio de Belem, passava diante dos Jeronimos, seguia o caminho longo de Pedrouços e Algés para subir a Maruja e logo a estrada que leva a Linda-a-Velha.

Começava então a pequena velocidade do carro o encanto do passeio.

D'um lado os longes de Lisboa corchoeus de torres, flechas de templos, cintilacões vivas de luz fu-



zilhando nas janelas distantes; na banda oposta Linda-a-Pastora, como uma aldeola branca recordando um pombal quieto, ao fim Carnaxide com os arvoredos das suas quintas, os cerros d'Alferragide e muito distante, n'um acarvoado o castelo de Cintra, uma mancha gotica n'uma paisagem peninsular. Atravessava assim as povoações Linda-a-Velha tão calma com as suas casas fechadas e silenciosas, Carnaxide atroada pelo traba-

lho, toda vibrante nas suas encostas pelo cantico dos boeiros, depois, na volta, a estrada clara de Linda-a-Pastora d'onde começa a vêr-se o mar azul, os montes da Outra Banda, pontas de terra, linguas doiradas d'areia, o forte de Caxias no seu morro, velame de barcos, linhas negras de paquetes.

Quasi sempre a noite vinha caindo quando o presi-

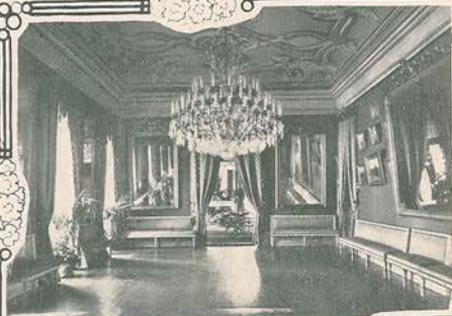
1—D. Maria Amelia d'Arriaga Xavier da Costa, filha do sr. Presidente da Republica, com seus filhos João Manuel, Lucrecia, Luiz, Maria, Cristina e Mateus

2—D. Maria Cristina d'Arriaga de Barros, filha do sr. Presidente da Republica

3—A casa de jantar do Presidente da Republica

4—Uma das salas do palacio da Horta Seca





1—A sala de recepção do palácio da Horta Seca  
2—A galeria do palácio presidencial  
3—O salão  
(Clichés do amator sr. Alexandre Ferreira)

dente da republica regressava d'este passeio sentimental e lindo ao seu palacio da rua Horta Seca.

Agora de ha muito que não faz esse percurso que sem duvida recomençará pelos formosos dias de primavera quando florescerem as rosas em todas as grades dos quintalejos arrabaldinos.

Depois de ter passeado tão singelamente voltava ás salas de Jeronimo Condeixa, o complicado, ao quarto do elegante, esquecido que vive n'aquella casa de tradições opulentas para apenas recordar toda a virgiliana paz de que se rodeara na sua digressão.

Outros passeios prediletos do Chefe do Estado são os jardins da Estrela e o Zoologico. Apeise, atravessa as ruas ensaiabradas por entre as arvores altas, olhando as flores e sorrindo ás creanças. Assim decorre, fóra das ceremonias officiaes e das suas recepções, o dia do presidente da Republica Portuguesa.

Essas recepções são quinzenaes e a elas concorrem as principaes entidades da Republica, ministros, directores geraes, comandantes militares, a magistratura. A's quintas-feiras são as recepções particulares da familia do Chefe do Estado.

Não são porém nem umas nem outras certamente as que mais agradam á sua alma simplista, ao seu feito democraticamente familiar. Os gostos do Presidente da Republica affirmam-se nos seus

menores atos. Aquele palacete de pompa onde os Condeixas receberam a maior fidalguia do seu tempo viu subir a sua escadaria suntuosa, quando o sr. dr. Manuel d'Arriaga o inaugurou, não os altos dignatarios do regimen mas os cegos, os invalidos de trabalho, os velhos asylados. Foram esses delegados da dôr, da amargura e da misera que encheram os logares em volta da mesa a que o Presidente da Republica presidiu entre elles e á





Netos do sr. Presidente da Republica  
 1—Maria Izabel d'Arriaga  
 Tavares  
 2—Maria Amalia d'Arriaga  
 Tavares  
 3—Joaquim d'Arriaga Tavares

4—Maria Maxima d'Arriaga  
 Tavares  
 5—Mariana Lucrecia d'Arriaga  
 de Barros  
 6—Afonso Manuel d'Arriaga  
 de Barros



qual as gentis senhoras da sua familia serviram.

Tempo depois foram modestos mas utilissimos funcionarios

—os professores primarios — que receberam convite do chefe do estado para um jantar a que presidiu tendo a seu lado um mestre escola de talento, o cego Lobo de Miranda. Era ainda os que mais em contacto vivem com a pobreza, aqueles que são pobres tambem mas enriquecem com as suas luzes os espiritos, que estiveram no segundo banquete dado n'esse palacio de tanta tradição opulenta.

Finalmente são os pequenitos do povo que esse

avô, tão apaixonado pelos seus netos, senta á meza larga do palacio Condeixa.

As cantinas escolares de Lisboa que tanto têm assistido ás creancinhas pobres são convidadas a mandarem á residencia do Chefe do Estado alguns dos seus subsidiados e d'esta vez, entre pequenitos, o velho advogado, paladino da Republica, seu chefe supremo, fala

do amor pela infancia com uma ternura infinita como já falara da instrução e da caridade.

Em vez das pompas largas que emolduram os dirigentes dos povos, a singeleza adoravel ali existe como singela é a vida do Presidente da Republica que ao livrar-se dos cuidados da governação, apenas têm na sua vida tres bem simples, bem calmos prazeres: as suas flores, a sua musica, os beijos dos seus netos.

Mesmo metido na pompa do palacio de Belem nos dias de recepção, ainda no meio dos cortejos officiaes, ele tem sempre o ar modesto e simples, e bom

do homem que na sua galleria trata pombas brancas pelas suas mãos patriarcaes.

Isto quando se ergue do leito é para ele um cuidado e as pombas, na sua gaiola, ao verem-no, abrem as azas n'uma alegria. E é d'elas a primeira saudação que recebe o Presidente da Republica de Portugal.

Rocha Martins.



A fachada do jardim no

palacio da Horta Seca



# O Livro da Infanta Eulalia

A despeito da proibição de seu real sobrinho que tanto ruído fez, a tia de Afonso XIII publicou, em lingua franceza, o seu volume de estudos sociaes. Os que pensavam n'um livro de memorias, com revelações sobre a vida intima da côrte, a explosão de velhos dissentimentos que as camarilhas intrigantes divulgaram, encontraram nas trezentas e qua-

Não pôde causar surpresa o facto de alguém defender, em teoria, um ato que não hesitou em praticar.

«Espetadora colocada bastante perto das atuaes questões sociaes para lhes conhecer todos os pontos em discussão, e bastante longe, comtudo para as analisar friamente — diz a infanta no prefacio



A Princesa gabinete em

Eulalia no seu de trabalho Paris

renta paginas d'esse trabalho honesto e tranquilo uma desilusão. *Au Fil de la Vie* é uma coleção de estudos sociaes, comentarios sobre problemas da vida que a infanta encara com a generosidade simples da sua bondade.

Nessas paginas de filosofia altruista, agradável de vêr na palavra e na alma d'uma princesa, o escandalo não existe.

E' certo que lá se defende o divorcio; mas nada mais natural da parte de quem se divorciou.

do seu livro — eu trago um testemunho desprendido de todas as convenções.

«Pensei que esse testemunho tão nitido, tão preciso, podia interessar os que procuram rebuscar em todas as classes da Sociedade os mil e mil elementos discordantes e contraditorios d'onde derivam as lições tanto para o presente como para o futuro.»

Tal, em resumo, a origem do livro, cujo anuncio tão injustas suspeitas levantou

# UMA GRANDE ESCRITORA BRASILEIRA

D. JULIA LOPES D'ALMEIDA

Para que nada falte ao esplendor sempre crescente das letras brasileiras, que todos os dias se enriquecem com novos poetas e novos prosadores, elas agasalham até na primeira fileira da coorte literaria uma mulher romancista na qual não falta quem aclame «a mestra» do romance brasileiro contemporaneo.

Essa senhora, por muitos titulos illustre, é D. Julia Lopes d'Almeida, esposa do poeta e jornalista Filinto d'Almeida, socio da Academia Brasileira de Letras.

De um dialogo que João do Rio, esse fino artista que Lisboa conhece, include no seu livro *O Momento Literario*, resalta em flagrante o perfil da distintissima escritora. D'ele transcrevemos algumas das passagens essenciaes, lastimando que a falta de espaço nos não consinta reproduzi-las inteiramente.

Depois de admirar a sala de recepção da romancista e o panorama maravilhoso que das janelas se descortina, João do Rio, acercando-se da escritora illustre assim lhe fala:

—Este cenario lembra-me sempre aquele livro seu—*A Viuva Simões*. Não imagina a impressão d'esse trabalho na minha formação de pobre escrevinhador. Que intensidade de vida! Sempre perguntava a mim mesmo: onde foi buscar D. Julia um tipo de tão penetrante realidade?

—Onde? Mas é uma historia inventada.

—Não é um livro *à clef*?

—Não, não é. Não ha trabalho meu, com excepção dos *Porcos* e da *Familia Medeiros*, que não seja pura imaginação. O caso dos *Porcos* (1) ouvi-o contar quando ainda solteira. A *Familia Medeiros* tem dois ou tres tipos que guar-

dam impressões reaes. Os outros não. São fantasia. E entretanto a cada passo sou vitima da suposição contraria. A

*Viuva Simões* afirma-se que é a historia d'uma senhora conhecida; da *Intrusa* ainda ha poucos dias Afonso Celso perguntou a meu marido se era um romance *à clef*... Andava muito contente com aquele conto: *A Valsa da Fome*. Mandei o volume a uma das minhas primas em Lisboa e recebi logo uma carta. Oh! a *Valsa da Fome*, a verdade d'essas paginas! Ha dezaseis dias, em Cascaes, deuse um facto identico...

Que se ha de fazer? Quantos ha por aí copiando a verdade, que são sempre falsos? D. Julia tem a luminosa faculdade de crear, e trata as personagens da fantasia como educa os seus filhos.

—Ah! as minhas personagens—acode a romancista. A's vezes são até inconvenientes. A gente inventa-as e no meio do livro elas começam a discutir, a ter desejos, a forçar as portas da atenção. A *Intrusa*, por exemplo, quando a fantasia, devia aparecer muito pouco...

N'esta altura da entrevista, aproveitando-se de uma certa ausencia da sua interlocutora, João do Rio diz ao marido da eminente escritora:

—Ha muita gente que considera D. Julia o primeiro romancista brasileiro.

Filinto d'Almeida tem um movimento d'alegria.

—Pois não é? Nunca disse isso a ninguém, mas ha muito que o penso. Não era eu que devia estar na Academia. Era ela.

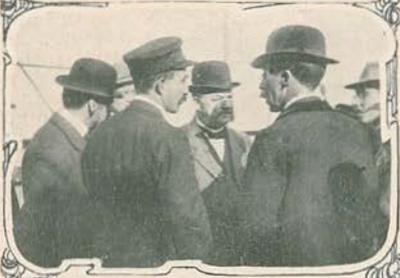
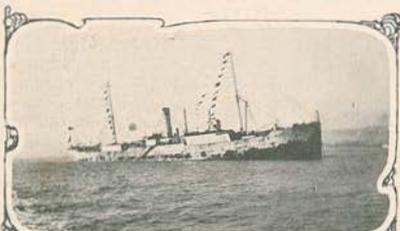
E' triste termos de confessar que em Portugal não ha uma duzia de escritores que conheçam a romancista illustre da *Familia Medeiros*. Portugal não conhece o Brazil...

(1) Conto tragicó. de uma intensidade prodigiosa, tratado com a sobriedade de processos de Maupassant, e que foi classifi-

cado com o 1.º premio n'um concurso da «Gazeta de Noticias», ha 15 anos.



# Figuras e Factos



1—O «Jonh Bryde» 2—O diretor geral das Colonias a bordo do «Jonh Bryde» com o comandante e o consignatario do navio

**A pesca da baleia**—O consignatario do vapor de pesca noruegues *Jonh Bryde* veiu a Lisboa solicitar do governo licença para fazer a pesca da baleia nas aguas portuguezas da costa oriental d'África recebendo a seu bordo com o diretor geral das colonias, sr. Freire d'Andrade, varios membros da imprensa a quem esteve mostrando o seu magnifico barco que acaba de sair d'um estaleiro de New Castle.

O *Jonh Bryde* saiu do Tejo em 27 de dezembro indo para Las Palmas aproveitar os tres mezes de epoca da pescaria.

**Uma reliquia historica.**—A espada de Vasco da Gama foi vendida no leilão realisado em casa do falecido Alfredo Ribeiro, que foi o fundador do jornal *o Pimpão*. Era um grande amator d'armas an-

tigas e de objetos de tradição historica e comprara ao falecido conde da Vidigueira essa espada historica, que recorda toda a vida aventureira, cavalheiresca e brava do grande almirante das Indias.

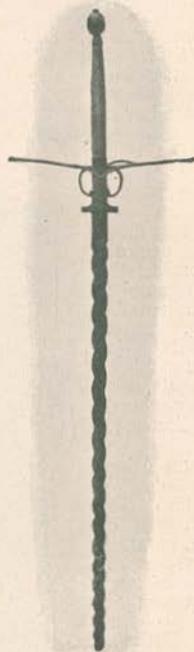
O conde da Vidigueira, que teve uma epoca de necessidades antes do centenario da India, pois n'este tempo lhe concederam uma pensão, vendeu tambem, com varios documentos do seu glorioso antepassado, outros objetos que lhe tinham pertencido e estão hoje no Bristh Museum.

Devia conservar-se entre nós aquele ferro de tradição que ficaria bem no Museu de Artilharia, junto do elmo de D. João II, proximo das bandeiras gloriosas das guerras com Castela.

Assim o compreenderam o diretor e o conservador do Museu das Janelas Verdes, sr. dr. José de Figueiredo e José Queiroz, que o adjudicaram por 105000 réis, devendo, todavia, a espada historica dar entrada no Museu d'Artilharia.

Essa reliquia já figurou na exposição filantropica de 1858, por cedencia do Marquez de Niza, que era então o representante de Vasco da Gama.

Atualmente a casa do grande navegador tem como representante a sr.<sup>a</sup> condessa da Vidigueira e seus filhos, o conde do mesmo titulo e D. Luiz Teles da Gama.



O montante de Vasco da Gama, adquirido pelo Estado no leilão das colleções artisticas do falecido escritor sr. Alfredo Ribeiro



Os naufragos sobreviventes do «Hughenden of Sland» desembarcados em Lisboa pelo «Devonshire» (Cliches de Benoitel)



As creanças da cantina escolar do Coração de Jesus, na sua visita á fabrica da Nova Companhia Nacional de Moagem, na rua 24 de Julho

# UMA TRAGEDIA ELEITORAL

## A ELEIÇÃO DO PRESIDENTE DO ESTADO DE PERNAMBUCO

O que foi o movimento que conflagrou ultimamente o Estado de Pernambuco, não é fácil de dizer. Teve, é facto, todas as aparências de um movimento popular; todavia, é inegavel que se apoiou e que foi secundado pelo exercito brasileiro, que teria feito, das ultimas eleições, «uma questão de classe.»

Parecerá estranho, e de facto é, esse modo de crear um plebiscito. E o resultado d'isso não só foi terrivel, mas abriu no Brazil um precedente perigoso.



3—Um soldado de policia morto na ponte da Boa Vista durante a refrega

1—Dr. Rosa e Silva, vencido nas eleições de Pernambuco  
2—Depois da eleição: Passagem do cortejo em honra do presidente eleito, general Dantas, na rua da Imperatriz. De pé na carruagem, o general agradece as manifestações

Em verdade, o sr. Rosa e Silva era rudemente combatido, apesar de ter sido, de ha vinte



4—Um soldado da policia morto n'uma das praças da cidade



anos a esta parte, o mais prestigioso dos políticos do seu Estado. Faziam-se a sua ex.<sup>a</sup> e á administração que o seu partido dava ás coisas publicas, acusações gravissimas. Contudo, o ilustre homem publico conseguia manter a sua influencia: fôra vice-presidente da Republica e ain-



- 1—Quartel da policia, na Magdalena, depois de tomado pelo povo
- 2—O batalhão do Pé Descalço, composto de vendedores de Jornaes
- 3—O batalhão patriótico *Pro Dantas*, abrindo o cortejo em honra do presidente eleito

da agora ocupava uma cadeira no Senado Federal, além do que, contava com o apoio



4—Queima da edição comemorativa do 86.º aniversario da fundação do *Diario de Pernambuco* e que trazia o retrato do seu proprietario conselheiro Rosa e Silva

5—A multidão manifestando-se por ocasião da prisão do dr. Liberato de Matos, influente politico, que é encerrado no Quartel General



va continuava. Como as grandes obras de saneamento por que tem passado ultimamente todas as cidades brasileiras de uma certa importancia, custam rios de dinheiro e os tributos tiveram de crescer proporcionalmente, esse foi um dos argumentos em que mais a opposição insistia para suggestionar o elemento po-



quasi unanime dos representantes de Pernambuco, tanto nas camaras estadoaes, como no Congresso da Republica. Era, emfim, incontestavelmente, o chefe absoluto da politica da sua terra natal.

Era em balde que, para derrubal-o, trabalhava a opposição. Dividida em grupos que se enfraqueciam com constantes desacordos, faltava-lhes sobretudo um nome em torno do qual toda ella se congregasse n'um esforço comum. Escolhel-o entre os politicos militantes do Estado, seria um erro: tanto o barão de Lucena, como o sr. José Mariano (que eram aliás os mais populares) sabiam que, nem mesmo a candidatura de um d'elles offeria garantias de triumpho.

Todavia, por todos os meios, a campanha contra o sr. Rosa e Sil-



arrecadados, além de monopolisarem quasi todos os serviços publicos. A difamação foi terrivel; para que a politica do eminente chefe pernambucano perigasse de facto, só faltava que apparecesse um nome capaz de servir de bandeira ás forças da opposição. Esse nome foi o do general Dantas Barreto, que o marechal Hermes da Fonseca, eleito presidente da Republica, içara á pasta do ministerio da guerra.

Apezar de viver ha longos anos afastado de Pernambuco, o general Barreto tinha uma qualidade lisongeira: nascera lá. Ambicioso, audaz, energico, aceitou sem relutancia a proposta que lhe foi feita pelos grupos da opposição pernambucana. De resto, tinha razões para confiar; aqueles predicados lá o tinham levado até á Academia Brazi-



1—O deposito de armas e munições do quartel do 2.º batalhão, depois de abandonado pela força  
2—As barricadas defronte do edificio do tesouro, de onde a policia fez fogo sobre o povo e o exercito  
3—O esquadrão Prô Dantas abrindo o cortejo no regresso do general Dantas a Pernambuco

pular. Porque, ao que dizia, o sr. Rosa e Silva e os membros do seu partido locupletavam-se com os impostos



4—Os cavalos do esquadrão de cavalaria da policia desmontados pelo povo, fugindo para o quartel

5—Metralhadora postada a uma janela do quartel do 2.º batalhão de policia, de onde se fez fogo sobre o povo



leira de Letras! E o discurso que pronunciou em 12 de outubro ultimo, ao chegar à cidade do Recife, deixou bem patentes as intenções que levava, e os meios que empregaria para disputar a cadeira presidencial do Estado.

—O povo de Roma, disse o ilustre militar, quando reconheceu que Ce-



1—O lente de direito dr. José Vicente discursando em um meeting popular na praça da Independencia  
2—A chegada do batalhão 33 ao Recife  
3—Entrada da flotilha no forte do Recife, rebocando o vapor *Oitinda* na chegada do general Dantas

lar era um tirano, assassinou-o! Em volta, na praça publica, uma multidão i i u m e r a v e l aplaudia delirantemente. Depois, des-



4—A prisão do «Capanga» Chico Pita, guarda-costas do senador dr. Antonio Ferreira

5—Prisão do sr. Alfredo Bandeira, influente politico local



de a hora em que caíram nas urnas os primeiros votos, correram rios de sangue. Foi uma coisa tragica: todos os partidarios do sr. Rosa e Silva que se conservavam fieis ao seu antigo chefe, foram forçados a fugir, perseguidos pelos Brutus da multidão alucinada. Fugiu até o dr. Estacio Coimbra, governador do



1—Interior do quartel do 2.º batalhão do Pateo do Paraizo, depois que o povo o invadiu, sendo presos os officiaes partidarios do dr. Rosa e Silva  
2—Parte posterior do edificio da chefatura da policia. Como a força que o occupava se não quizesse render, as forças do exercito metralharam-no, tomando-o em seguida  
3—O 53 de caçadores

Estado, por não ter garantias de vida, nem mesmo no palacio do governo.



4—Soldado da policia, morto pelo povo na ponte da Boa-Vista

3—O encerramento das lojas no dia dos tumultos



1—Prisão do sr. Francisco Tavares, chefe político na Vitória (cidade do interior do Estado). Por onde o automóvel passava as vaías eram ininterruptas.

2—Chefatura de policia e Senado Estadual na rua da Aurora

3—No dia da eleição, 3 de novembro, na rua do Imperador. O povo em frente da redação do jornal «Pernambuco»

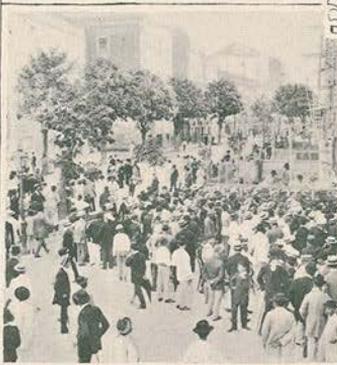
4—Queima de carroças do lixo

5—Parte interior do quartel do 32.º Batalhão policial, cheia de águas estagnadas e materias feccas. Os gangaceiros, feitos policitas, desobedecendo a ordens e á disciplina, faziam o que queriam em uma revoltante promiscuidade

6—O povo, na rua do Imperador, no dia da eleição, rceben- do noticias do seu resultado

7—Palacio do Govern- no, na Praça da Re- publicca

8—Predio onde resi- de o coronel Boultresuse, na rua Au- rora, d'onde fizeram fogo sobre o povo





1—Estacio Coimbra, presidente da Camara dos Deputados Estadual, elevado ao cargo de Governador pela renuncia e impedimento dos srs. dr. Herculano Bandeira e Antonio Pernambuco

2—Dr. Herculano Bandeira

3—Ulysses Costa, ex-chefe de policia e jornalista

4—Dr. Thomé Gibson, redator chefe do «Jornal Pequeno» folha neutra durante a candidatura Dantas Barreto

O sr. Rosa e Silva Junior, que secundava seu pae na direção da politica situacionista, veiu veriginosamente parar a Lisboa. Os outros onde estarão?

Foi isso o que se passou em Pernambuco. De resto, melhor que estas linhas rapidas, o testemunho da tofografia dá idéa da gravidade dos acontecimentos.



5—Dr. Anibal Freire, O mais eloquente defensor da facção Rosa e Silva na Camara dos Deputados Federaes no Rio de Janeiro

7—Formatura do Tiro Pernambucano no dia do regresso do sr. Dantas Barreto



6—Sr. Rosa e Silva Junior, primeiro secretario da Camara dos Deputados Estadual, sub-chefe da Politica situacionista

8—General José Carlos Junior



Oxala que eles se não repitam na florescente Republica Brasileira para que esses deprimentes fraticidios não estorvem a marcha do espantoso progresso com que ela, n'estes ultimos anos, se tem colocado a dianteira das nações sul-americanas.



1—Prisão de cangaceiros pelo povo e soldados do exercito  
 2—Inauguração d'uma edição completa do *Diario de Pernambuco*  
 3—Aspeto do cortejo do dia 12 de outubro, ao passar pela rua da Imperatriz  
 4—Vitrine da importante casa de modas « Louvre » perfurada por uma bala policial vinda do *Diario de Pernambuco* onde os cangaceiros se escondiam atraindo sobre o povo  
 5—Queima de carroças de lixo pertencentes ao sindicato José Antonio d'Almeida



# A FUTURA ESQUADRA DE PORTUGAL

Desde ha muito o nosso sonho é possuir uma esquadra em condições de velar pelo nosso dominio ultramarino e pelas costas de Portugal, porque um paiz que possui tão dilatados territorios não pôde estar á mercê da primeira tentativa que sobre eles se queira fazer sem poder defendel-os.

Com o advento da Republica foi uma das primeiras coisas em que se pensou, estando elaborado um relatório e feita uma proposta pelos quaes Portugal — que tem excelentes marinheiros — ficaria tendo tambem uma bela esquadra.

As maiores unidades serão tres couraçados do tipo do *Minas Geraes* ou do *S. Paulo*, os possantes navios, brasileiros com o deslocamento de vinte mil toneladas, com a velocidade de vinte e uma milhas e meia, artilhados com 8 peças de 305 centímetros, 21 de 12, e 8 de 47 milímetros.

Tres exploradores do tipo do *Almirante Spaun*, da ma-

4 de 76 milímetros e 2 tubos lança torpedos de 18 polegadas.

Doze torpedeiros no tipo do inglez *Cosak*, com um deslocamento de 830 toneladas, a velocidade maxima de 32 milhas, uma potencia maxima de 16:000 cavalos, armados com 4 peças de 76 milímetros e 2 tubos de lançamento.

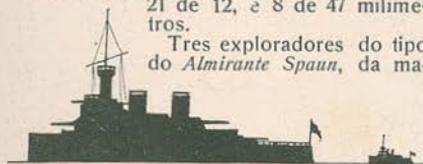
Seis submersiveis, com o deslocamento de 360 toneladas, completarão a esquadra com o respetivo navio apoio dos submersiveis que deve custar uns oitocentos contos de réis. O seu papel consiste, como se deprende do seu nome, em prestar todo o auxilio de que careçam os submersiveis, fornecendo-lhe tudo quanto eles precisarem para as suas reparações, sendo até o abrigo das suas tripulações. Além de varias oficinas e depositos terá um compartimento para prova de submarinos, aparelhos de mergulhadores, equipe d'esse pessoal, telegrafia sem fios.

Taes serão os navios com que de futuro poderemos contar para a defeza das nossas possessões e das costas de Portugal, pois esta esquadra oferecerá sempre, pela sua constituição, uma grande resistencia.

Posta em pratica esta iniciativa, reorganizado todo este serviço, passaremos a ser, em vez d'um paiz onde



O ministro da Marinha  
sr. dr. Celestino  
d'Almeida



Comparação entre a tonelagem da futura esquadra e da esquadra actual

## ESQUADRA DO PROJETO:

3 couraçados.....	60.000 toneladas
3 cruzadores.....	10.500 "
12 contra-torpedeiros.....	9.960 "
6 submersiveis.....	2.160 "
	82.620 "

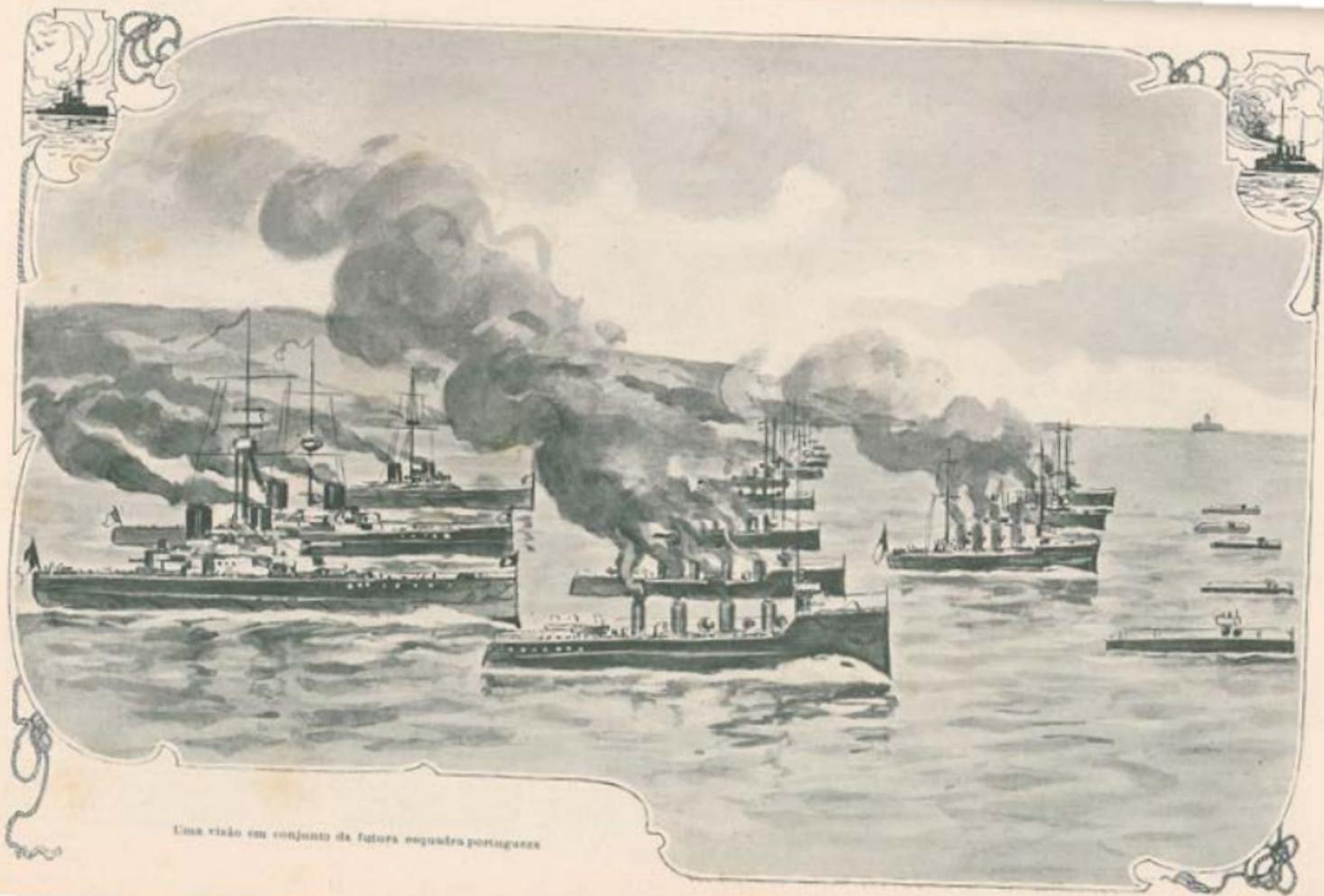
## ESQUADRA ACTUAL:

Adamastor.....	1.750 toneladas
Republica.....	1.660 "
S. Gabriel.....	1.500 "
Almirante Reis.....	4.200 "
	9.110 "

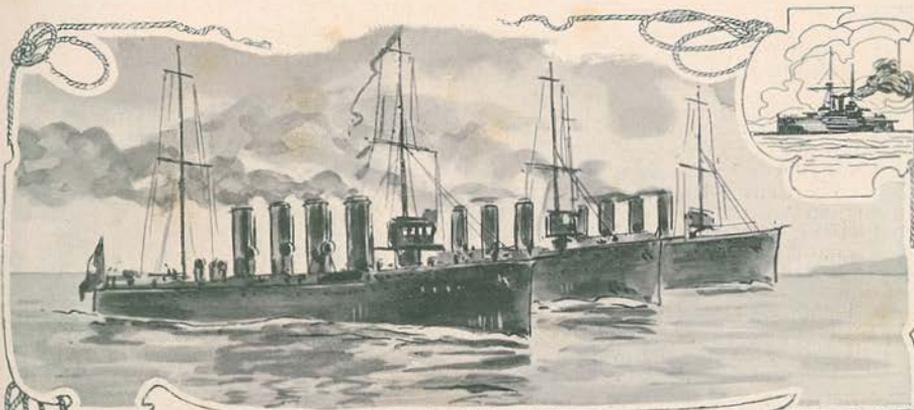
rinha austriaca, com o deslocamento de tres mil e quinhentas toneladas com 6 peças de 12,



Os tres futuros couraçados de um deslocamento de 20.000 toneladas cada um



Uma visão em conjunto da futura esquadra portuguesa



ha pessoal demasiado para os navios existentes, uma potencia á altura do seu papel colonizador. Não se dará mais o caso de vermos desgostosos os inteligentes, os valorosos e praticos officaes da nossa armada pelas longas estações forçadas em terra, pela sua transplantação do meio a que se dedicaram para as secretarias.

Quanto custará ao paiz esta esquadra que n'ele representará um grande papel? Quanto será preciso para este melhoramento inteiramente indispensavel da nossa marinha de guerra?

Com quarenta e cinco mil contos teremos realizada essa obra.

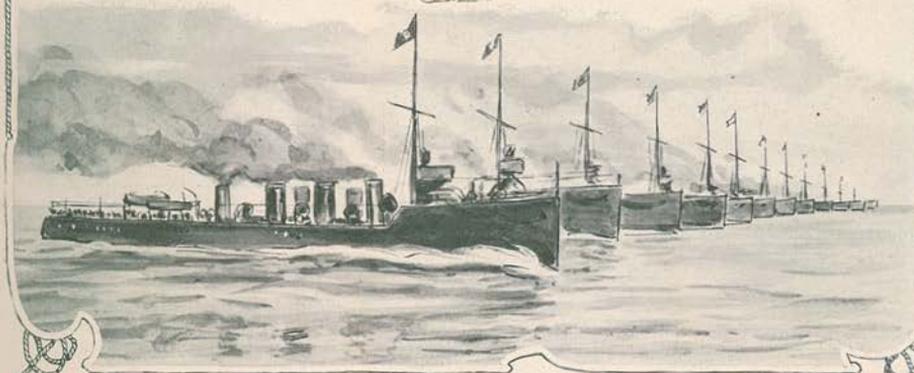
Decerto o paiz não pôde dispôr d'esta verba n'um momento, não pensa em obtel-a por um emprestimo,

mas facilitar-se-lhe-ha o pagamento em prestações, que serão pagas durante vinte anos.

O largo desenvolvimento colonial que se tem a operar, o movimento restaurador de todas as forças vivas do paiz, serão suficientes compensações para o sacrificio que sem duvida alguma somos obrigados a fazer.

O governo e o parlamento não vão hesitar e dentro em pouco no

Tejo vinte e cinco navios com a nossa bandeira mostrarão quanto, com o novo regimen, se pensa em remodelar tudo, em reconstruir, com um entusiasmo a que a realidade ha de corresponder da mais bela maneira.



1—Os tres cruzadores exploradores, tipo «Admiral Spaun», da esquadra austriaca  
2—Os seis submersiveis 3—Os doze contra-torpedeiros tipo «Cossack» da esquadra ingleza

# A VISITA DO PRESIDENTE DA REPUBLICA AS DUAS CAMARAS

No dia 1.º de janeiro deputações das duas casas do parlamento foram ao palacio presidencial cumprimentar o chefe do Estado, que d'ahi a pouco retribuiu essa visita á camara dos deputados e ao senado, onde uma grande maioria de parlamentares o aguardava.

Era imponente o aspeto das salas das sessões; quasi todos os membros das duas camaras estavam de casaca e esperavam o presidente da Republica na sala dos Passos Perdidos. Na



camara dos deputados o chefe do Estado apresentou os seus cumprimentos ao sr. dr. Aresta Branco para os transmittir aos representantes do povo, na qualidade de seu presidente, fazendo o mesmo no senado ao sr. Anselmo Braamcamp Freire.

A cerimonia durou poucos minutos, indo depois muitos deputados e senadores acompanhar a Belem o sr. dr. Manuel d'Arriaga.

1—Os presidentes do Senado e da Camara dos Deputados, sr. Anselmo Braamcamp Freire e Aresta Branco. 2—As deputações das duas Camaras aguardando o sr. Presidente da Republica. 3—O sr. Presidente da Republica saindo do palacio do Congresso. 4—A despedida.

(Clichés de Benoffel)

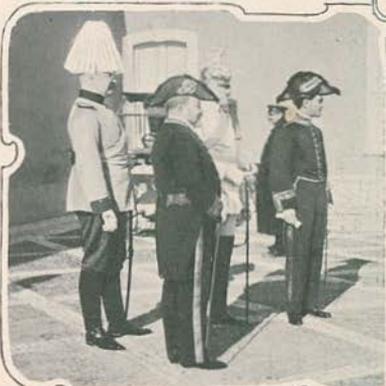
2

# A RECÊÇÃO DE BELEM

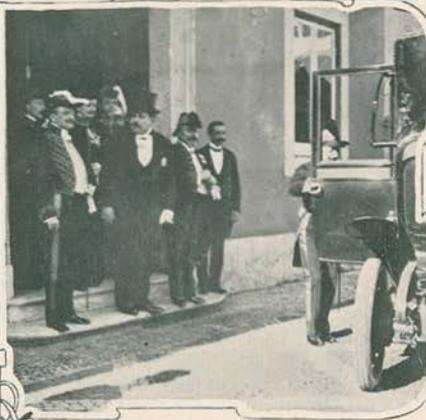
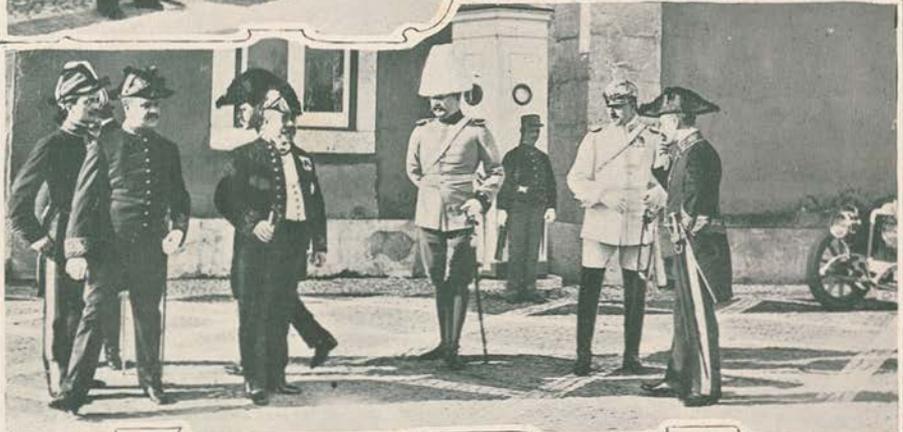
Foi imponentissima a recêção presidencial no dia 1 de janeiro, no palacio de Belem. Centenares de pessoas, altos funcionarios, ministros, militares, officiaes de marinha, juizes, deputações das duas casas do Parlamento, das Camaras Municipaes, saudaram o chefe do Estado. O corpo diplomatico, acreditado junto do governo portuguez, tambem compareceu n'essa cerimonia, que se revestiu d'um grande brilho e aparato.

Na sala dos Cisnes, os membros do governo e os plenipotenciarios estrangeiros aguardavam o chefe do Estado que, ao chegar, foi ovacionado pela grande multidão que enchia o largo de Belem. Depois todas as

- 1—A legação da Alemanha e do Uruguay no palacio de Belem 2—O presidente do conselho com o seu secretario e o ministro da Justica 3—A deputação dos officiaes superiores da armada



- 4—A deputação dos officiaes de infantaria 5—Os Juizes da Boa-Hora, no palacio de Belem 6—A deputação dos officiaes de marinha



1—O corpo diplomático: representante da França, Argentina, Nicarágua e Brazil  
 2—O governador civil de Lisboa, sr. dr. Euzébio Leão  
 3—Os representantes da Alemanha, Belgica e Uruguay  
 4—A saída do corpo diplomático do palácio de Belem  
 5—A officialidade da guarda republicana—(Clichés de Benotiel)



- 1—O general da divisão de Lisboa, sr. Carvalho
- 2—O general sr. Almeida Pinheiro, major general do exercito e officialidade
- 3—O primeiro chefe do governo do reinado de D. Manuel, almirante Ferreira do Amaral
- 4—O presidente do senado, sr. Anselmo Braamcamp
- 5—As direcções das Associações Commercial e da Agricultura
- 6—O implantador da Republica capitão de mar e guerra sr. Machado Santos

peçoas de representação desfilaram, saudando o sr dr. Manuel d'Arriaga que, finda a recepção, ficou conversando, durante algum tempo, com os membros do governo e do corpo diplomatico. A' saída novamente recebeu as manifestações do povo.

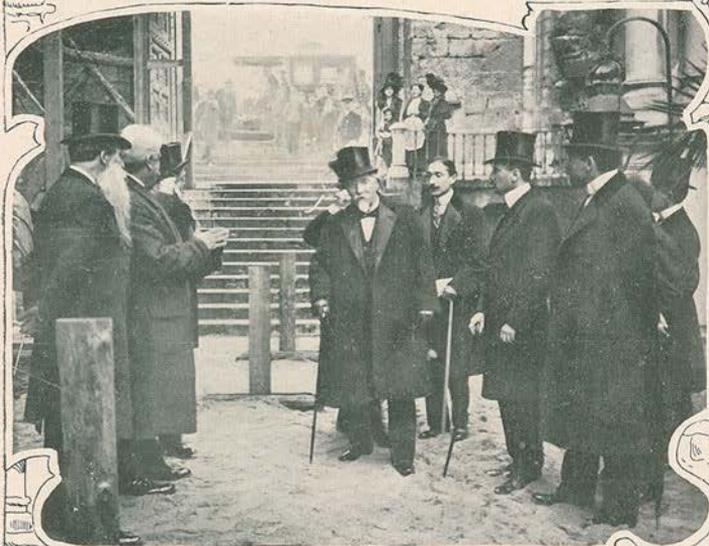


# A Sessão de homenagem a Sousa Viterbo

Um dos vultos mais eminentes da literatura e da arte portugueza foi Sousa Viterbo ha pouco falecido e que deixou uma larga obra na qual se destaca o *Dicionario Historico e Documental*



A Sociedade dos Arqueologos Portuguezes, em 31 de dezembro ultimo, prestou a sua homenagem ao illustre investigador, inaugurando o seu busto na sala das sessões, sob a presidencia do chefe do Estado. O sr. dr. Alfredo da Cunha fez o elogio dos trabalhos de Sousa Viterbo, sendo recebidos muitos telegramas e cartas apoiando essa tão merecida consagração.



1—A direção da Associação dos Arqueologos 2—A chegada do Presidente ao Museu Arqueologico do Carmo 3—O sr. dr. Alfredo da Cunha lendo o elogio de Sousa Viterbo (Clichés de Benollet)

# Uma Grève Parisiense

## DE COMO PARIS CIRCUVA SEM "TAXI-AUTOS"

tantes para manter nos grandes boulevards esse terrível *encombrement* deante do qual os conselheiros municipaes hebdomadariamente se afilligem sem que até hoje tenham encontrado para tão instante problema uma eficaz e pratica solução. Mas o caso é que se sente um alívio, respira-se melhor, não ha tanto fumo nem tanto barulho e a travessia de cada avenida faz-se em cinco minutos, quando em plena circulação dos mortíferos instrumentos, é absurdo tental-a em menos de dez e sempre na incerteza de chegar ao fim.

Como consequencia, o *sapin*, o velho *sapin*,— já transformado com esforço para se aguentar na impiedosa luta de concorrência que o condena, já com as suas rodas de pneumáticos, o seu torro de veludo, e por vezes mesmo a sua lampada electrica não fundida,—retoma transitoriamente o antigo imperio. E, porque não ha como o parisiense para encarar de *bonne mine* as más fortunas, preferindo sempre vér as coisas pelo lado bom, não falta quem conheça que esses pobres *coupés*, que um cavalico que cansado arrasta por essas ruas (planas, felizmente para ele... e para nós) se não vae tão depressa como o *auto*, nem por isso deixa de *ir*, e com menos despeza e muito menos emoções.

O cocheiro retoma o prazenteiro ar dos bons tempos d'outr'ora; e só, no seu intimo lamentará a falta de *chauffeurs* bastantes para sobre eles e, por tabela, sobre o Progresso inimigo, despejar o seu *argot* tipico, inconfundivel e, para nós-outros, incompreensivel tambem. Não ha quem



1—Um a quem a greve dos «chauffeurs» não desagrada  
2—No boulevard dos Italianos: autobus com imperial.  
A esquerda os carros da Agencia Cook para as corridas

A greve dos *taxi-autos* veio trazer a Paris uma recordação, para muitos saudosa, dos velhos tempos em que esses mecanismos do Progresso não punham a cada instante a morte deante dos olhos de todo o transeunte da grande capital. Os duzentos automoveis d'aluguer que ficaram em circulação não são bas-





1—Os eletricos e os «autobus»  
 Junto de Nôtre-Dame  
 2—«Boa carga!» quadro  
 de Collin  
 3—O «autobus» parisiense.  
 ao fundo a Camara dos Deputados

exceda esses bons cidadãos na diatribe; de tal modo que, se o seu calão se tornasse a lingua oficial, já saberia o bom povo eleitor onde escolher com melhor exito os seus deputados de opposição. Uma prova de que essa função de invetivar o proximo lhe é essencial e sobre todas as outras predomina, tive-a eu, e bem frisante, no episodio recente que lhes vou contar:

Estacionava, junto d'um teatro, á hora de terminar o espetaculo, um *sapin*, com um automovel atrás.



Porque o automovel, ao parar lhe tocara ao de leve a carripana, o cocheiro atirava sobre o *chauffeur* a sua habitual caterva de improperios. Eu tinha parado no passeio, junto da porta do *sapin*, disposto a subir, e quando o orador parou um instante, perguntei:

—*Avez-vous fini?*

—*Pas encore.* — respondeu-me com calma; e continuou a descompostura que apenas um acesso de cansaço interrompera.



Mais dois minutos de oratoria, e, depois, voltando-se para mim, outra vez calmo:  
— *Quell' adresse, s'il vous plait?*  
Tinha acabado então.

A presente grève dos *chauffeurs* oferece porém um aspeto curioso que, como característico d'um estado de organização (ou desorganização) social vale a pena citar. Esses proletarios, como todos os proletarios que se prezam, têm um sindicato. Foi esse sindicato que reuniu e, formuladas as suas reivindicações resolveu a grève. Foram autorizados a circular os fiacres,



pagando os cocheiros 2 francos diários para a caixa da grève, e os *autos* de certas empresas, contribuindo os respectivos *chauffeurs* com 5 francos também diários, para o mesmo fim. Em troca d'essa quotização, cocheiros e *chauffeurs* recebem uns cartões de côr, que devem exibir nos



1—O «tramway» a ar comprimido na Avenida Kléber, onde está instalada a legação de Portugal  
2—Um «meeting» dos «chauffeurs» 3—Uma estação de omnibus

seus carros em sitio bem visivel, para que lhes seja permitido...

circular. Sem esse salvo-conduto, os grévistas impediam de exercer o seu mister na via publica. E' claro que isto subintende uma vigilancia estreita, uma policia perfeitamente organizada e suficientemente poderosa tambem para impôr as suas determinações draconeanas. O papel da policia regular, paga pelo Estado para garantir a ordem nas ruas e garantir a liberdade do trabalho de cada cidadão, é, sem duvida, n'este caso, dos mais curiosos. Os conservadores, os leitores do *Temps*, os amigos do *statu-quo* social, inquietam-se olhando para os taes papelinhos que o sindicato fornece, no fim de contas, em troca de



zes de cair ao Sena, como já se viu, —o resto é rudimentar. Talvez um pouco posterior á Edade de pedra, mas em todo o caso preistoricos, anteriores ás primeiras remotas civilizações... A Grecia antiga envergonhase-ia por certo dos nossos omnibus de cavalos, dos *tramways* a ar comprimido e até mesmo de certos electricos, que contudo (seja dito em abono da estetica) só em bairros excetricos se permieem utilizar o abominavel *trolley*. As *imperiales* dos omnibus são muito recomendadas nos *guias* para vêr Paris *à vol d'oiseau*, ou «a vôo de passar», como Camilo, *d'après* Ratzzi traduziu. Para isso são excellentes, com efeito, dando ainda a impressõ d'uma viagem por mar com tempo mau. Sob este ultimo aspeto são uma peça de prova. Quem resistir, de estomago firme, n'aquelas alturas durante uma travessia dos *boulevards*, atravessará tambem o Mancha ou o Biscaia com a calma e o apeteite habituaes...

Paris, dezem. 1911.

Ruy de Chaves



uma parte do dinheiro que esses mesmos conservadores, leitores, etc., dão generosamente em *pourboires*. E pensam no meio de locomoção quando tudo isto fôr de mr. Jaurés.

Mas, com o desaparecimento, aliás parcial, dos taxi-autos, nem só os fiacres ficaram em campo, mesmo não falando do Metropolitan, que geralmente se não vê. Oh, não! Paris é abundante em meios de transporte. N'eles é mesmo a quantidade que domina (não falando agora do preço, que é realmente modelar). A qualidade, em geral, é da peor; e não ha portugueses que, ao aproveitarem-se de alguns d'esses vehiculos, não pensem com saudade nos nossos lindos, suaves, rapidos, arejados e confortaveis electricos lisboetas. Em Paris, se quasi só excetuarmos os mais modernos autobus,—que, aliás são muito capa-



1—A «gare» de Leste, uma entrada do «Metro» e a estação de autobus 2—O agente de policia regulando a circulação em frente da Opera 3—Os carros do Louvre

# A OBRA DE FREIRE D'ANDRADE

## O JARDIM EXPERIMENTAL DE LOURENÇO MARQUES

O Jardim Experimental de Cultura de Lourenço Marques foi uma das obras mais uteis que o sr. Freire d'Andrade fez n'aquela nossa colonia.

Tratava-se de poder aclimatar e cultivar, na provincia varias especies que primeiro se necessitava saber se ali se dariam. Para isso creou-se esse enorme parque onde desde logo começaram os ensaios, sendo magnificos os resultados obtidos. Houve, além de tudo, uma grande vantagem em realizar essa obra não só pelo desenvolvimento das plantações, que hão-de fazer a riqueza da provincia, mas ainda porque d'este modo se habilitam muitos naturaes para essas culturas e para esses trabalhos.

Viu-se como de tenros arbustos se fize-

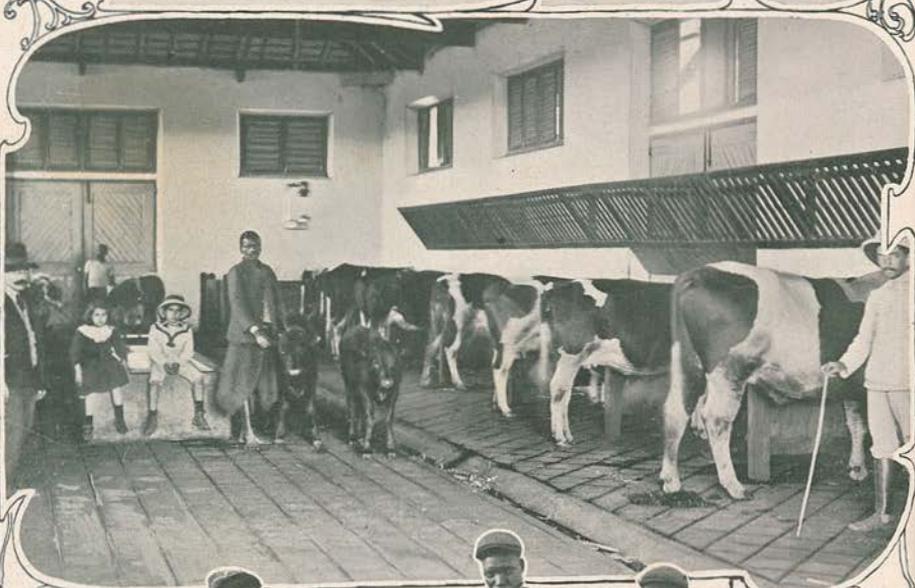


ram arvores frondosas, como cuidadosamente se aclimaram outros productos, como se obteve em pouco tempo grandes resultados.

O pessoal indigena recrutado muito aproveitou tambem e d'este modo, por toda a região, se tem ido cultivando, desenvolvendo, conseguindo fazer a



1—O sr. Freire de Andrade, antigo governador geral da provincia de Mocambique e actual director geral das colonias 2—O milho gigante obtido nas culturas do Jardim Experimental de Lourenço Marques 3— A casa do director e os escritorios



1—As vacas  
européas  
do Jardim  
Experimental  
2—O estabulo

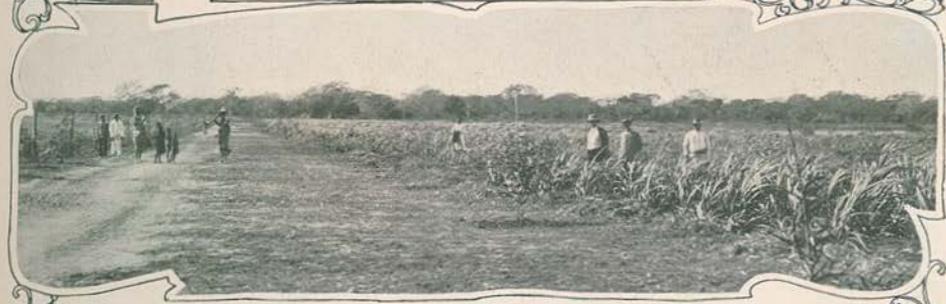
tarefa com zelo e brilhantismo. A par dos ensaios sobre plantas, frutos e arvoredos, tambem se trata da criação de animais e tudo isso



3—Jumentos  
hespanhoes nascidos no Jardim  
Experimental

está instalado com o esmero e com a hygiene precisos em trabalhos d'esta natureza.

E' assim, fazendo trabalhos uteis, que as colonias se desenvolvem, que



1—A cultura do tabaco 2—A cultura do algodão 3—Os Ilmoeiros 4—Uma rua nos Jardins  
experimentaes de Umbeluzi  
5—A cultura do oleo de ricino 6—A cultura da cana de assucar



- 1—O gado de trabalho do Jardim Experimental
- 2—Uma avenida nos Jardins do Umbeluzi
- 3—A canoa dos transportes



d'elas sairá o rendimento para a sua marcha e para o seu futuro. A obra colonial do sr. Freire d'Andrade por todos os colonias é reconhecida como bem valiosa e superior. Ainda ha dias uma grande quantidade d'individuos, seus admiradores e conhecedores dos seus trabalhos, lhe manifestaram d'uma maneira evidente quanto reconheciam os meritos do atual director geral das colonias.

O *Jardim Experimental*, cujas fotografias inserimos, constitue hoje, uma das mais belas iniciativas levadas ultimamente a cabo no nosso dominio ultramarino.

